



MECANIZAÇÃO RADICAL

Nos meados do século 18 começou um fenômeno que iria impactar a vida de todos nós, de todas as espécies de plantas e animais que habitam o Planeta. Repentinamente, os tradicionais métodos artesanais de produção começaram a ser substituídos por máquinas, que estavam sendo inventadas. Some-se a isso a grande transformação vinda da força para operar as novas máquinas. A energia a vapor, acrescida à de biocombustíveis, como o carvão, veio para substituir a força humana e a energia da água nos processos de produção.

Esse fenômeno, conhecido como Revolução Industrial, começou na Inglaterra em 1760 e foi tomando de assalto toda a Europa e os Estados Unidos. Como nada acontece de um dia para o outro, demorou aproximadamente 80 anos para se consolidar, ou seja, até 1840. Quem viveu esse período deve ter se sentido constantemente intrigado, pois todo dia surgia uma novidade, uma invenção, um novo produto, uma nova maneira de produzir. Hoje, somos claramente frutos dessas transformações ocorridas há cerca de dois séculos. A Revolução Industrial mudou para sempre a maneira de produzir e viver.

Antes dela o Produto Interno Bruto (PIB) dos países europeus praticamente não mudava. A partir dessas transformações o PIB, que é a medida de riqueza gerada em um país durante um ano, passou a crescer vertiginosamente. Então, isso permite afirmar que, desde o momento em que conseguimos domesticar os animais e fazer agricultura, nada aconteceu de tão importante na nossa evolução quanto a Revolução Industrial. Pois, foi a partir dessas transformações que iniciamos a produção de barcos a vapor, ferrovias, fabricação de máquinas em alta escala e o uso cada vez mais frequente de energia a vapor no processo produtivo.

A Revolução Industrial nos mostrou o que faz uma sociedade ficar rica. Para muitos, até hoje, um país é rico o que tem recursos naturais em abundância. Mas, uma rápida análise mostra que existe uma série de países africanos e latino-americanos que têm petróleo, diamante, solo fértil, e são pobres. Por outro lado, há países com baixa disponibilidade de recursos naturais e que têm elevada renda *per capita*. Fiquemos apenas em três: Holanda, Islândia e Japão. Portanto, a riqueza de um país não está diretamente relacionada a recursos humanos.

O que a Revolução Industrial mostrou é que a riqueza está relacionada com a produtividade alcançada em sua economia. E, para obter produtividade elevada, é preciso adotar práticas e insumos modernos. Neste ponto podemos levar este artigo para várias avenidas de ideias. Qualquer dia eu visito uma delas, como o fato de ser necessário ter instituições estáveis para se atingir crescimento de produtividade. Isso se aplica diretamente ao leite, cuja instabilidade é o principal gargalo no crescimento da produtividade e, por consequência, na riqueza inconstante gerada no setor. Mas, hoje vou seguir por outra avenida.

As máquinas, então, mostraram que cada homem agora poderia produzir muito mais por hora trabalhada na produção de tecidos, por exemplo. A tecelagem deixou de ser artesanal e passou a ser atividade industrial. Assim, as pessoas poderiam ter mais do que duas peças de roupa. Mas, para isso, era preciso trazer pessoas do campo para trabalharem nas novas fábricas. Ocorre que, no Reino Unido, onde surgiram as tecelagens industriais, não havia o menor motivo para alguém decidir deixar o campo e ir trabalhar nas fábricas urbanas.

No campo quase nenhuma renda monetária existia, mas o trabalhador produzia o seu alimento e a sua roupa. Já na cidade,

de, com a remuneração que recebia, pouco dava para pagar a casa, o alimento e a roupa. Então, como levar o camponês para a cidade? Na Inglaterra, a migração do campo para a cidade foi algo perverso. Os campos foram cercados e a terra deixou de estar disponível para os camponeses. Além disso, suas casas foram queimadas. Neste cenário, nenhuma outra opção havia senão a ida para a cidade e se incorporar ao exército de operários de fábricas.

Hoje, está claro que um país quando resolve se industrializar precisa contar com a agricultura cumprindo alguns papéis, dentre os quais a liberação de mão de obra. No Brasil, que foi realmente se industrializar a partir de 1940, a agricultura liberou mão de obra sem que ocorresse a tragédia inglesa. As pessoas saíram da zona rural massivamente, dadas as condições de vida ali existentes. Este fenômeno ocorre há sete décadas e ainda não se estancou.

O fato é que o IBGE já havia detectado que 55,9% dos brasileiros viviam no meio urbano em 1970 e estima que em 2050 teremos 93,6% da população no meio urbano. Em termos absolutos, serão apenas 16,3 milhões de brasileiros no meio rural, contra 41,1 milhões em 1970. Esse é um fenômeno mundial. Desde 2010 a população urbana já é maior que a população rural, que continuamente perde espaço.

Recentemente fui abordado por um aluno no final de uma aula de MBA, que desejava conversar sobre os negócios da família. Ele me disse que são os únicos representantes de uma operadora de telefonia celular em Juiz de Fora, de uma loja de sandálias famosas e uma franquias de tratamento dentário. Fiquemos no que interessa. Ele me disse que um(a) atendente nas suas lojas de telefonia e de sandálias recebe R\$ 1.500 e tem de trabalhar no sábado ou domingo, por revezamento. Já um dentista recebe R\$ 2.500 na clínica franqueada e tem fila de espera de dentistas recém-formados.

Meu filho, por outro lado, me informa que no escritório de advocacia em que ele faz estágio um advogado recém-formado tem salário de R\$ 1.200, mesmo tendo se graduado numa universidade federal que tem o curso classificado entre os quatro melhores do Brasil. Jornada de trabalho de 12 horas, pelo menos. Então, fica

a pergunta: considerando que qualquer empregado na atividade leiteira ganha mais e trabalha menos que um advogado recém-formado, o que faz o leite ser crescentemente carente de mão de obra?

São poucas as chances de reter mão de obra na atividade leiteira apenas com salários competitivos. Também a produção familiar não mostra competência na retenção de mão de obra. Então, há que se atuar em duas frentes. Há que se promover facilidades para a mecanização radical da produção leiteira. As facilidades criadas para a aquisição de trator foram importantes. Mas, se continuarem restritas apenas a este maquinário, isso deixa a dúvida se o objetivo fim foi atender ao produtor ou à poderosa e rica Anfavea, a entidade que representa as empresas ofertadoras de trator.

É preciso ter um programa de governo de mecanização radical e agressivo que facilite, por exemplo, a aquisição de ordenhadeiras mecânicas, com períodos de carência compatíveis com a geração de caixa, para que o produtor pague o investimento com o retorno gerado. O outro caminho é criar estímulo de longo prazo, focado no jovem. Pena que o espaço acabou. Volto ano que vem com este tema. Feliz Natal. Feliz 2015!

Paulo do Carmo Martins é doutor em Economia Aplicada pela Esalq-Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz-USP, chefe geral da Embrapa Gado de Leite e professor da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG.

Há que se promover facilidades para a mecanização da produção leiteira, além de outros estímulos, focados no jovem